

A LITERATURA DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E PERDA DE MICHEL LAUB

- GISELE NOVAES FRIGHETTO

“Nada pode ser tão banal, mas não é bem disso que estamos falando” (p. 9) é o período que abre o segundo romance de Michel Laub, *Longe da água*, cuja trama se dá em torno dos temas da culpa, da inevitabilidade da tragédia e dos ritos de passagem à idade adulta. Esse duro tempo de maturação é constante na literatura do escritor, cujos personagens muitas vezes fazem do narrar exercício de rememoração, seja enquanto compreensão do passado, seja como luta contra o esquecimento. Isso se constrói particularmente em *Diário da queda*, seu romance mais conhecido, traduzido e premiado; leitura obrigatória do vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A memória e seus descaminhos soam como *Música anterior*, título do primeiro romance, no qual o entrecruzamento de tramas e tempos reconstrói o passado familiar de um juiz que medita sobre a condenação de um personagem por pedofilia e estupro. Aqui há ao menos outras duas constantes: a primeira pessoa de um narrador protagonista anônimo e a estrutura fragmentária que propicia o suspense de tragédias anunciadas. A prosa guarda a sobriedade assertiva de períodos curtos, em convivência com a oralidade e a vertigem de frases longas, polifônicas, marcadas pela percepção sensorial dos eventos.

Entre a cidade e a praia se passa *Longe da água*, lugar de onde o narrador adulto revisita a adolescência para enfrentar o trauma da morte do melhor amigo. Aqui, aprender a surfar é como aprender a viver, em meio a lembranças e arrependimentos. A água contamina a narração, que flui entre a primeira pessoa e uma terceira pessoa que se aproxima do cerne subjetivo por meio de digressões e do discurso livre. Arte e vida se aproximam nos rastros autobiográficos e na reflexão sobre o difícil sentido de viver de literatura. “Ninguém mais

lê neste país, eu os consolava, somos todos mártires por ainda nos dedicarmos a um negócio tão fora de moda” (p. 77).

Constantemente, os protagonistas da ficção de Michel Laub são homens adultos que tentam acertar as contas com o passado, sendo a adolescência e a juventude momentos decisivos de descobertas desconcertantes ou de eventos traumáticos que conformam indivíduos em desacerto com o mundo. Muitas vezes, esses personagens são assombrados por vícios ou transtornos mentais, como o narrador alcoólatra de *Diário da queda* ou a mãe deprimida do protagonista de *Segundo tempo*. A trama do terceiro romance do escritor se desenvolve durante uma partida clássica de futebol, o Gre-Nal, eixo temporal no qual emergem as circunstâncias do passado que levaram a uma dissolução familiar. Esses acontecimentos surgem pelo enfoque subjetivo do narrador protagonista, que acompanha o irmão mais novo à partida de futebol.

Conforme o jogo avança, anuncia-se o abandono iminente da figura paterna e o imperativo de que esse jovem personagem assuma a responsabilidade pelo próprio destino, tarefa inescapável igualmente delineada na fragmentária narrativa de *Diário da queda*. Nesse célebre romance, o trauma histórico é transmitido entre gerações, avô, pai e filho, cujas trajetórias são intimamente ligadas ao Holocausto e ao horror dos campos de concentração. Os temas da memória, da identidade e da perda se manifestam com força no diário do neto de um sobrevivente de Auschwitz, um escritor alcoólatra que resgata o passado como maneira de reagir à “inviabilidade da vida humana em todos os tempos e lugares” (p. 133). Os temas do antissemitismo e da banalidade do mal são reencenados na adolescência desse personagem, às voltas com episódios de violência escolar que fazem reviver a experiência interdita pelo silêncio do avô sobre seu passado.

Eu também não gostaria de falar sobre esse tema. Se há uma coisa que o mundo não precisa é ouvir minhas considerações a respeito. O cinema já se encarregou disso. Os livros já se encarregaram disso. As testemunhas já narraram isso detalhe por detalhe, e há sessenta anos de reportagens e ensaios e análises, gerações de historiadores e filósofos e artistas que dedicaram suas vidas a acrescentar notas de pé de página a esse material, um esforço para renovar mais uma vez a opinião que o mundo tem pelo assunto, a reação de qualquer pessoa à menção da palavra Auschwitz, então nem por um segundo me ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa falar também do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim. (LAUB, 2011, p. 9)

A história dos campos é construída nesse romance sobretudo por meio da apropriação dos relatos autobiográficos de Primo Levi que, conjuntamente a outras fontes, dão ensejo à construção de uma memória intertextual e polifônica, individual e histórica, o que é recuperado no romance seguinte. A trama de *A maçã envenenada* é contaminada pela apropriação dos relatos de Immaculée Ilibagiza, uma sobrevivente dos extermínios de Ruanda, bem como pelo suicídio do músico e compositor Kurt Cobain. O título do romance é retirado de um verso da canção “Drain You”, tradução e tema da rememoração melancólica das desilusões do narrador protagonista, contemporâneo tanto da morte do líder do grupo Nirvana quanto de um dos genocídios mais brutais da história recente. Nesse romance escrito como um álbum *grunge*, entrelaçam-se memória individual e memória coletiva; suicídio e impulso de vida; juventude e maturidade na história de um triângulo amoroso de desfecho trágico.

A experiência de iniciar a vida sexual em tempo de HIV surge em *Tribunal da quinta-feira* como o terror dessa geração. Contudo, uma litania possível sai de cena graças ao humor sardônico do narrador José Victor, que se vê diante de um linchamento virtual desencadeado pela vingança da ex-mulher que torna públicas mensagens trocadas com o melhor amigo. No último romance publicado do escritor até agora, o olhar se desloca da adolescência para a experiência de se atingir o ápice de uma vida adulta sem grandes feitos, mas feita de possibilidades afetivas, de onde é possível olhar para trás sem, evidentemente, poder mudar o passado. Isso também diz respeito à devastação provocada pelo vírus:

Uma lista de como o mundo seria se tivesse continuado como no dia anterior a isso tudo: duas ou três gerações vivas, quantos engenheiros, bancários, cientistas, contadores, quantos livros e filmes e discos, e teatro e concertos e circo e dança, quantas ideias e sonhos e dinheiro poupado e famílias que não foram destruídas. (LAUB, 2016, p. 9)

Destaco, por fim, o exercício intertextual, metaficcional e polifônico de *O gato diz adeus*. Anterior a *Diário da queda*, trata-se de um romance ímpar na bibliografia do escritor, no qual personagens contam dialogicamente sua versão da história em primeira pessoa. A trama intertextual é explicitada após o desfecho, em que se declara a referência ao romance *A chave*, de Junichiro Tanizaki, bem como a presença de David Foster Wallace, Andrew Solomon, Faulkner e Amós Oz. O tecido narrativo é atravessado por outros gêneros textuais que incitam a reflexão sobre a ficção, no caso, sobre as implicações morais da autoficção, preocupação que o próprio Michel Laub tem expressado em entrevistas

e debates, levando em consideração uma última constante de sua literatura que me cabe aqui apontar: a presença do autobiográfico em seus romances.

Autor dos sete romances que aqui mencionei brevemente, Michel Laub nasceu em Porto Alegre e hoje vive em São Paulo, onde trabalha como escritor e jornalista². Seu blog abriga as resenhas que escreve para jornais e revistas como *Valor Econômico* e *piauí*; excertos de literatura; trechos de seus últimos livros; registros semanais daquilo que leu, viu ou ouviu e a curiosíssima seção *Escritores e manias*, na qual cem escritores contam hábitos que antecedem ou acompanham o trabalho de criação. Como tentei aqui apontar, um aspecto central à literatura deste escritor contemporâneo tem sido o resgate do passado como forma de compreensão tanto dos traumas e sofrimentos da adolescência quanto das impossibilidades afetivas e existenciais da vida adulta.

Saberemos se há mais a resgatar, ou outros caminhos a percorrer, nos próximos romances deste escritor.

[2] Escritor e jornalista, foi editor-chefe da revista *Bravo*, coordenador de publicações e internet do Instituto Moreira Salles e colunista da *Folha de S. Paulo* e do *Globo*. Hoje é colunista do *Valor Econômico* e colaborador de diversas editoras e veículos. Publicou sete romances, todos pela Companhia das Letras: *Música anterior* (2001), *Longe da água* (2004), *O segundo tempo* (2006), *O gato diz adeus* (2009), *Diário da queda* (2011, com direitos vendidos para o cinema), *A maçã envenenada* (2013) e *O Tribunal da quinta-feira* (2016, também vendido para o cinema). Seus livros saíram em 13 países e 10 idiomas. É um dos integrantes da edição "Os melhores jovens escritores brasileiros", da revista inglesa *Granta*. Recebeu os prêmios JQ - Wingate (Inglaterra, 2015), Transfuge (França, 2014), Jabuti (segundo lugar, 2014), Copa de Literatura Brasileira (2013), Bravo Prime (2011), Bienal de Brasília (2012) e Erico Verissimo (2001), além de ter sido finalista dos prêmios Dublin International Literary Award (Irlanda, 2016), Correntes de Escrita (Portugal, 2014), Jabuti (2007 e 2017), São Paulo de Literatura (2012, 2014 e 2017), Portugal Telecom (2005, 2007 e 2012), APCA (2016) e Zaf-fari&Bourbon (2005 e 2011). Site michellaub.wordpress.com.

Gisele Novaes Frighetto é bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutoramento (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (PPGEL/FCLAr/UNESP). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (PPGLit/UFSCar). Contato: giselefrighetto@gmail.com.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAUB, Michel. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

LAUB, Michel. *O tribunal da quinta-feira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

